



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 26/09/2025 e 02/10/2025

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

urante **ENDEREÇO:** RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

| | GRÃO SOJA (US\$/bushel) | FARELO SOJA (US\$/ton. curta) | ÓLEO SOJA (cents/libra peso) | TRIGO (US\$/bushel) | MILHO (US\$/bushel) |
|-------------------|----------------------------|----------------------------------|---------------------------------|------------------------|------------------------|
| 26/09/2025 | 10,13 | 268,80 | 49,60 | 5,19 | 4,22 |
| 29/09/2025 | 10,10 | 268,10 | 49,11 | 5,19 | 4,21 |
| 30/09/2025 | 10,01 | 265,70 | 48,87 | 5,08 | 4,15 |
| 01/10/2025 | 10,13 | 264,70 | 49,75 | 5,09 | 4,16 |
| 02/10/2025 | 10,23 | 271,30 | 49,82 | 5,14 | 4,21 |
| Média | 10,12 | 267,72 | 49,43 | 5,14 | 4,19 |

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

| SOJA | | |
|---------------------|--------|-----|
| RS – Nonoai | 119,00 | |
| RS – Não Me Toque | 119,00 | |
| PR – Pato Branco | 119,00 | |
| PR – M.C.Rondon | 115,00 | |
| MT – C.N.Parecis | 113,00 | |
| MS – Maracaju | 123,00 | |
| GO - Rio Verde | 115,00 | |
| BA – L.E.Magalhães | 117,50 | |
| MILHO(**) | | |
| Porto de Santos | 65,00 | CIF |
| Porto de Paranaguá | 67,00 | CIF |
| Porto de Rio Grande | SC | |
| RS – Não-Me-Toque | 60,00 | |
| SC – Rio do Sul | 64,00 | |
| PR – M.C.Rondon | 52,00 | |
| PR – Pato Branco | 56,00 | |
| MT – C.N.Parecis | 47,00 | |
| MS – Maracaju | 52,00 | |
| SP – Itapetininga | 58,00 | |
| SP – Campinas | 64,00 | CIF |
| GO – Rio Verde | 53,00 | |
| GO – Jataí | 53,00 | |
| TRIGO (**) | | |
| RS – Nonoai | 64,00 | |
| RS – Não Me Toque | 64,00 | |
| PR – Pato Branco | 67,00 | |
| PR – M.C.Rondon | 65,00 | |

Período: 01/10/2025

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 02/10/2025**

| Produto | milho (saco 60 Kg) | soja (saco 60 Kg) | trigo (saco 60 Kg) |
|---------|-----------------------|----------------------|-----------------------|
| R\$ | 61,91 | 122,46 | 65,08 |

ND = Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
02/10/2025**

| Produto | |
|---|----------|
| Arroz em casca (saco 50 Kg) | 60,19 |
| Feijão (saco 60 Kg) | 132,14 |
| Sorgo (saco 60 Kg) | 52,00*** |
| Suíno tipo carne (Kg vivo) | 6,38 |
| Leite (litro) cota-consumo (valor líquido) | 2,43** |
| Boi gordo (Kg vivo)* | 10,48 |

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Julho/25, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, na virada do mês de setembro para outubro, despencaram em Chicago, seguindo a linha da semana anterior. O bushel da oleaginosa, para o primeiro mês cotado, chegou a atingir a US\$ 10,01 no dia 30/09. Entretanto, no dia seguinte voltou a subir, com o fechamento da quinta-feira (02/10) ficando em US\$ 10,23, contra US\$ 10,12/bushel uma semana antes. Já a média de setembro fechou em US\$ 10,19, acusando um crescimento de 1,4% sobre a média de agosto, após três meses seguidos de recuo naquela Bolsa. Para comparação, a média de setembro/24 foi de US\$ 10,14/bushel, permitindo imaginar que finalmente o mercado se estabilizou, após as fortíssimas oscilações entre 2020 e 2023.

A elevação a partir do dia 1º de outubro se deu em função de que o relatório trimestral de estoque, na posição 1º de setembro, indicou um recuo de 8% para a soja. Embora esperado pelo mercado, no imediato o anúncio do mesmo mexeu um pouco com as cotações.

Também, e especialmente, jogou a favor das cotações o anúncio feito pelo presidente dos EUA, de que fará uma nova reunião com o presidente da China e a soja estará no centro das discussões. A expectativa de uma redução nas tarifas de importação chinesas melhoraram, portanto, o ambiente em Chicago. Lembrando que a China não compra soja dos EUA desde maio passado, quando o novo tarifaço de Trump passou a efetivamente fazer efeito sobre o mercado.

Dito isso, na atualidade o mercado da soja ainda trabalha dentro de um viés de baixa. A expectativa, agora, é o novo relatório de oferta e demanda do USDA, previsto para o dia 09/10.

Enquanto isso, a colheita estadunidense de soja atingia a 19% da área no dia 28/09, contra a média de 20% naquela data. Por outro lado, do que restava a colher, 62% das lavouras estavam em condições entre boas a excelentes, contra 64% um ano atrás.

E no Brasil, com um câmbio que permanece ao redor de R\$ 5,30 por dólar e prêmios mais fracos, os preços da soja cederam. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 122,46/saco, enquanto as principais praças locais se mantiveram em R\$ 119,00. Já nas demais regiões do país os valores da oleaginosa variaram entre R\$ 113,00 e R\$ 123,00/saco.

Enquanto isso, o plantio da nova safra avança no país, tendo chegado a 3,2% da área esperada (cf. AgRural). Em tal contexto, a iniciativa privada espera uma colheita final no país em torno de 178,6 milhões de toneladas em 2025/26, desde que o clima ajude (cf. StoneX). Lembrando que há previsões mais otimistas que chegam a apontar uma safra de 180 milhões de toneladas.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho recuaram um pouco nesta semana, com o bushel do cereal fechando o dia 02/10 em US\$ 4,21, contra US\$ 4,25 uma semana antes. A média de

setembro ficou em US\$ 4,13/bushel, sendo 7,8% acima da média de agosto. Em setembro de 2024 a média havia sido de US\$ 4,00/bushel.

Já o relatório de estoque trimestral, na posição 1º de setembro, apontou um recuo de 13% nos mesmos em relação há um ano atrás. Mesmo assim, por enquanto não causou movimento de alta em Chicago.

Dito isso, no dia 28/09 a colheita de milho nos EUA atingia a 18% da área total, contra a média de 19%. Do que faltava colher, 66% estavam em boas ou excelentes condições naquela data, havendo 71% destas lavouras em fase de maturação.

E no Brasil, os preços se mantêm relativamente estáveis, porém, o viés de alta que havia em algumas regiões desapareceu. A retração dos compradores, que estão estocados, e as exportações mais baixas do que o necessário, embora em recuperação neste segundo semestre, estão na origem deste movimento. Segundo a Conab, o Brasil deverá exportar 40 milhões de toneladas de milho, porém, entre fevereiro e setembro do corrente ano o volume alcançou tão somente 17 milhões de toneladas. Lembrando que o necessário, para aliviar os estoques, seria uma exportação ao redor de 50 milhões de toneladas.

Em tal contexto, a média gaúcha fechou a semana em R\$ 61,91/saco, com as principais praças se mantendo entre R\$ 59,00 e R\$ 60,00, enquanto no restante do país os valores oscilam entre R\$ 47,00 e R\$ 64,00/saco.

Em paralelo, o plantio do milho de verão chegava a 32% da área esperada até o dia 25/09, no Centro-Sul brasileiro, com a produção final desta safra prevista em 25,6 milhões de toneladas (cf. AgRural e StoneX). Em todo o Brasil, segundo a Conab, o plantio de verão atingia a 26,7% da área esperada em 27/09. Na oportunidade, o Rio Grande do Sul havia semeado 74%, seguido pelo Paraná, com 64%, e Santa Catarina também com 64%.

E pelo lado das exportações, nos primeiros 20 dias úteis de setembro o país havia embarcado um total de 6,6 milhões de toneladas de milho, elevando a média histórica para 8,4% acima do registrado em todo o mês de setembro do ano passado. O preço médio obtido por tonelada exportada subiu para US\$ 199,70 em setembro de 2025. E, em tal contexto, a Anec aponta que as exportações totais de milho em setembro devem ter fechado o mês em 7,3 milhões de toneladas.

De forma geral, o mercado do milho brasileiro trabalha dentro da lógica de que 70% da produção ficam dentro do país e 30% são exportados. Assim, toda vez que a exportação diminui, a pressão sobre os preços internos é grande. É o que vem ocorrendo atualmente. Dentro do ano civil, de janeiro até setembro de 2025, o Brasil exportou cerca de 24 milhões de toneladas de milho. Em todo 2024, as exportações brasileiras de milho contabilizaram 37 milhões de toneladas. Já em 2023, ano que o país se tornou o maior exportador de milho do mundo, foram 56 milhões de toneladas embarcadas. Além disso, há um atraso nas exportações atuais, com o volume exportado até o momento ficando aquém do necessário, como vimos anteriormente. Diante de uma produção total recorde e a falta de capacidade de armazenagem, a situação se complica ainda mais no país, forçando os produtores a venderem rapidamente o produto, ao mesmo tempo em que as exportações não ocorrem nos

níveis necessários. Soma-se a isso o alto custo do frete e temos preços, aos produtores, muito baixos. A situação é tão esdrúxula que “o milho brasileiro hoje é muito barato para quem vende, mas acaba sendo caro para quem compra” (cf. Pátria AgroNegócios).

E tudo isso mesmo com a demanda interna passando de 82 milhões de toneladas em 2024 para 91 milhões em 2025. Caso contrário, a situação seria ainda muito pior em termos de preços aos produtores do cereal. E a demanda cresce devido ao aumento na produção de etanol em particular. Em tal quadro, há risco de os preços recuarem ainda mais na virada do ano, gerando uma situação atípica. Portanto, os desafios são enormes para o mercado do milho neste ano 2025/26, o que exige muito cuidado e gerenciamento por parte dos produtores rurais e empresas em geral ligadas ao setor.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, recuaram nesta semana de transição para o mês de outubro. O bushel do cereal fechou a quinta-feira (02/10) em US\$ 5,14, contra US\$ 5,19 uma semana antes. A média de setembro ficou em US\$ 5,13/bushel, com aumento de 0,98% sobre agosto. Já a média de setembro de 2024 havia sido de US\$ 5,70/bushel.

Por outro lado, o relatório trimestral de estoques, na posição 1º de setembro, registrou uma alta de 6% sobre igual momento do ano anterior. Além disso, no dia 28/09 o plantio do trigo de inverno, nos EUA, registrava 34% da área realizada, contra 36% na média histórica. Já a colheita do trigo de primavera estava encerrada.

E Na Ucrânia, conforme o Ministério da Economia local, a área semeada com trigo de inverno será maior em 9% do que o previsto inicialmente. A área deverá ser de, pelo menos, 5,2 milhões de hectares. Para esta área aumentar, os produtores irão diminuir a área semeada com milho e girassol. Além disso, ainda haverá 200.000 hectares semeados com trigo de primavera. Em 2025 a Ucrânia produziu 22,5 milhões de toneladas de trigo, tendo exportado 15,7 milhões no seu ano comercial junho/24 a julho/25.

E na Rússia, as exportações de trigo, em 2025/26, foram estimadas, agora, em 43,4 milhões de toneladas, com recuo de 300.000 toneladas em relação a projeção anterior, pois as mesmas estão fracas. Segundo a SovEcon, entre julho e setembro elas teriam atingido a 11 milhões de toneladas, o mais fraco início de ano comercial desde 2022/23, quando o comércio foi afetado pela guerra contra a Ucrânia.

E no Brasil, os preços do cereal continuam em queda. A média gaúcha veio para R\$ 65,08/saco, enquanto as principais praças locais registraram R\$ 64,00. Já no Paraná os preços estiveram entre R\$ 65,00 e R\$ 67,00/saco.

O valor médio no Paraná, em setembro, é o menor desde abril de 2024, em termos reais. E no Rio Grande do Sul, os valores atuais são os mais baixos desde janeiro de 2025. Três fatores explicam este comportamento: a entrada mais intensa de trigo procedente da atual colheita (como era esperado); da desvalorização do dólar frente ao Real; e da queda nos preços internacionais. Além disso, a suspensão temporária das

retenciones (taxas de exportação) na Argentina levou compradores a reduzir ainda mais suas ofertas, forçando vendedores a aceitar valores menores. De acordo com dados do Cepea, em setembro (até o dia 26), a média do trigo no Rio Grande do Sul foi de R\$ 1.262,67/tonelada, com recuo de 2,2% frente à agosto/25 e de 9,2% sobre a de setembro/24, em termos reais (valores deflacionados pelo IGP-DI). Já no Paraná, a média foi de R\$ 1.354,35/tonelada, com recuo mensal de 5,5% e queda anual de 10,3%.

Como a nossa safra será menor, mais uma vez, neste ano, diante da demanda existente no país haverá necessidade de maiores importações de trigo em 2025/26. O principal fornecedor será a Argentina, que espera colher 22 milhões de toneladas nesta atual safra. Além disso, o preço do produto argentino está melhor, ao redor de US\$ 215,00/tonelada, contra US\$ 242,00 para o trigo russo e US\$ 231,00 para o trigo dos EUA. A produção mundial de trigo, neste ano, é muito grande, pressionando os preços internacionais do produto. Assim, o cereal acompanha o ciclo de baixa de preços das demais commodities mundo afora (cf. CJ International Brasil).